

# COM "ORFEU NEGRO": VITÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA EM PARIS

Retumbante êxito na sessão de estréia nos Champs Elysées — Marcel Camus homenageado pela Colônia Brasileira de Paris — Márcia e Maristela, as filhas do presidente Kubitschek, bateram longo "papo" com o cineasta e interromperam a entrevista do reporter — Camus se confessou meio brasileiro — Trinta gravações diferentes fazem sucesso em Paris com as músicas de "Orfeu Negro" — Camus rodará outros filmes no Brasil — Reportagem de Afrânio Brasil Soares, correspondente de O JORNAL TV em Paris



Por ocasião da recepção a D. Sara Kubitschek, no Escritório Comercial do Brasil, em Paris, Marcel Camus foi a vedeta. Márcia e Maristela, as graciosas filhinhas do Presidente, interessaram-se muito pela obra de Camus, tirando-o de perguntas, á quem ele respondeu com ternura e simpatia. Na foto, no momento em que era entrevistado pelo nosso correspondente, Afrânio Brasil Soares, a quem Camus fez interessantes declarações.

"ROMA" — Junho (Via Panair) — Com o "Handicap" — ter ganho a "Palma de Ouro" no último Festival Internacional do Filme de Cannes. "ORFEU NEGRO", a película que Marcel Camus rodou no Brasil, tomando por tema a peça de Vinícius de Moraes — "Orfeu da Conceição" —, atraiu, na sua estréia em Paris, no último 12 de junho, uma das mais numerosas plateias de que a Cidade-Luz tem notícia.

Desde as últimas horas da tarde até as 9 horas da noite uma longa fila se estendia na calçada do quarteirão onde se ergue o Cine Martignan, em Champs Elysées, aguardando o momento da entrada. Quimono indus, vestidos de "soirée" da última moda parisiense, "smookings" e cartolas fazavam de um público cosmopolita e da repercussão internacional que teve a vitória do filme de Marcel Camus.

Na frente do cinema, um grande cartaz colorido, confeccionado em dois planos, com cenas do carnaval carioca, anunciava a película e, atrás, pela riqueza de cores vivas, a curiosidade de quantos passavam. Nos últimos dias que antecederam a estréia, a imprensa já se encarregara de fazer uma grande propaganda de ORFEU NEGRO, tomando por motivo sempre a fama mundial de que goza o carnaval carioca e que tanto interesse desperta entre o público parisiense. Foi assim que ORFEU NEGRO entrou em exibição e vem, cada dia que passa obtendo maior sucesso.

#### MARCEL CAMUS FALA AO JORNAL TV EM PARIS

Por ocasião de um coquetel que foi oferecido a D. Sara Kubitschek no Ofício do Brasil, na sua recente visita à capital da França, o correspondente do JORNAL TV em Paris teve oportunidade de entrevistar o vitorioso cineasta francês que foi, como se costumava dizer nestes casos, a vedeta da festa. De fato, Marcel Camus, pela sua simpatia e pelo prestígio outorgado pela sua vitória em Cannes, mereceu do público presente, constituído na sua quase totalidade por figuras da Colônia Brasileira de Paris, a melhor acolhida e as mais efusivas manifestações de carinho pelo muito que realizara em prol da divulgação do nosso país, com a sua película ORFEU NEGRO que contou com nossos motivos, nossos cenários, nossa música e cujo elenco foi constituído quase que só de brasileiros.

— Enquanto se servia no coquetel e recebia os parabéns de quantos a quem era apresentado, Marcel Camus respondia às perguntas que lhe eram formuladas pelo nosso correspondente.

— Então, Camus, como você se sente agora, com essa vitória depois de tanto sacrifício? — e a primeira pergunta proposta pelo jornalista.

— Ora, rapaz, como poderia eu expressar em português, que não é a língua que falo, emoções que não sei traduzir nem no francês, mi-

nhá língua materna? — começou o cineasta. Misturando o francês com seu português com acentuado sotaque quando tem de pensar no que vai dizer, mas perfeitamente claro quando está seguro da expressão, prosseguiu Camus:

— Antes de tudo, o que sinto agora é que sou metade brasileiro. Não vejo por que fôda essa gente que me vem cumprimentando hoje manifesta gratidão. Se alguém tem de manifestar gratidão, éste alguém sou eu, que encontrei no Brasil a mais franca das hospitalidades, desde as mais altas camadas até os personagens mais humildes que trabalharam no meu filme e que me prestaram valiosa colaboração. Você me pergunta como me sinto. Penso que só há uma palavra para exprimir: estimulado. Foi sem dúvida a maior vitória que conquistei na minha Arte e espero que ela sirva para prosseguir produzindo mais e mais.

— É verdade que você queria inscrever o nosso ORFEU (posso chamar de nosso?) como uma produção brasileira?

— Que pode chamar de nosso, pode. Isso

até me agrada muito. Quanto à inscrição como uma produção brasileira, foi sempre o meu intento. Pena que não tenha sido possível. Mas de qualquer maneira, tudo o que existe em ORFEU NEGRO é brasileiro, até essa fantástica Marpesa Dawn, que apesar de não o ser, tem tanto de brasileira quanto qualquer cabrocha das Escolas de Samba.

— Sem dúvida que todas as dificuldades que você enfrentou foram recompensadas, não?

— Ah, sem dúvida nenhuma. Parece que foi até melhor que elas tenham existido. Tanto maior a dificuldade, quanto maior a vitória.

— Quer citar a maior?

— Não sei se diga maior ou única. Em cinema, quando já se conta com um bom pessoal artístico, tudo o mais pode ser sintetizado nisso: dinheiro. Disponha de muito pouco para empreender a tarefa de gigante a que me propus. A riqueza de cores do carnaval carioca, de movimentos, de estilo e de tema exige muito de um cineasta. Por outro lado, o filme colorido

raio sai muito caro. Não sei o que seria de mim e de minha equipe se não tivéssemos arrebatado a "Palma de Ouro".

— É verdade o que a Imprensa Parisiense

notificou? Que você tinha alugado o "smooking" para receber o prêmio na Sessão de Encerramento do Festival?

— Nada mais verdadeiro.

— Como você está vendo o sucesso que as músicas de ORFEU NEGRO estão fazendo em Paris? É verdade que mais de trinta gravações de diferentes cantores das músicas do filme já estão circulando na França?

— Isso não me causou nenhuma surpresa. O público parisiense gosta muito da música brasileira, uma das mais belas do mundo. As músicas do ORFEU NEGRO são muito boas, de compositores de categoria. Quanto às trinta gravações diferentes, estou seguramente informado e creio que surgirão mais ainda.

— Particularmente, Camus, gostei muito de "Manhã de Carnaval", canção que considero a melhor do filme. Você também pensa como eu?

— Acho difícil dizer, francamente, qual das músicas do filme é a mais bela. Cada uma é a melhor dentro do seu gênero...

— E, agora, vai ainda rodar filmes no Brasil?

— Oh, como não?... Quem gosta, torna. Não somente vou rodar filmes no Brasil, como

sobre o Brasil. Será que não tenho direito? — agradeceu o cineasta.

A entrevista não podia continuar. Enquanto cineasta e repórter dialogavam, os convidados à recepção que vinham chegando queriam cumprimentá-lo, causando interrupções. Mas quem impossibilitou de uma vez de prosseguir a entrevista foi a chegada de Maristela e Márcia, as filhas do Presidente, que acompanhavam D. Sara Kubitschek. Márcia e Maristela fizeram inúmeras perguntas ao cineasta, querendo saber muita coisa a respeito de direção de cinema.

Pelo interesse que os "brotos" do Presidente Juscelino Kubitschek demonstraram, alguém que acompanhava a "roda" soltou uma piada:

— Agora se estas meninas vão terminar sendo contratadas pelo Camus?

Gargalhada geral. Era a hora do desfile de modas.

Às três horas da tarde do dia doce de junho, de 1959, a sessão de ORFEU NEGRO, em Paris, no Cine Marignan, em Champs Elysées, as bilheterias se abriram. A sessão começou às nove horas da noite. O correspondente do JORNAL TV quis certificar-se disso e para lá se dirigiu, onde foi colhida a foto. No fundo, os leitores vêem duas filas formadas, uma de cada lado



No "hall" do Hotel Carlton, em Cannes, durante o Festival, Marcel Camus foi fixada nesta foto ao lado de uma "starlette". Quando esta foto foi obtida, o filme ORFEU NEGRO ainda não tinha sido exibido. Marcel Camus se conduziu, durante todo o desenrolar do Festival com uma tal tranquilidade que parecia já estar seguro, absolutamente seguro, da significativa vitória do seu filme

